

A Arte Como Possibilidade de Resistência a Velocidade e a Amnésia do Mundo Contemporâneo

Alice Ferreira Silva¹

Kátia Canton, escritora brasileira nascida em 1962, na cidade de São Paulo, é artista visual, jornalista e professora. Viveu em *New York* durante oito anos, onde trabalhou como repórter e realizou mestrado e doutorado na *New York University*. No Brasil, ingressou como docente na Universidade de São Paulo – USP como professora do Museu de Arte Contemporânea – MAC/USP. Seu trabalho artístico e multimídia inclui desenho, pintura, fotografia e objetos nos quais conceitualmente associa questões em torno do sonho, dos desejos e das narrativas.

A edição do livro compreende a coleção Temas da Arte Contemporânea e o formato *pocket* desconstrói a imagem do livro pesado, difícil de carregar ou de ler em locais de grande circulação, o que sugere trata-se de um livro para de fato ser levado na bolsa. Cabe destacar que sua publicação recebeu incentivos de Ação Cultural do Estado de São Paulo – PROAC, do Governo do Estado de São Paulo, algo que não necessariamente implica a redução do valor venal do mesmo, o que dificulta sua disseminação em um público nem sempre afeto a leitura, inclusive, pela impossibilidade de acesso.

O livro Tempo e Memória, publicado em sua primeira edição em 2009 e com sua quarta tiragem em 2015, indaga, por intermédio da arte contemporânea e do mundo pós-moderno, os sinais do tempo e seus significados atribuídos aos objetos e às coisas/artefatos na vida cotidiana. Para a autora, é mediante a realidade emocional e cognitiva do ser humano, seja no âmbito individual ou coletivo, que se pode observar a apropriação dos objetos externos e atribuir uma ligação que envolva a história da arte, da vida, e sua relação como o tempo e a memória.

Para a autora o tempo é o principal elemento para pensarmos a vida e a arte contemporânea, não por acaso é o conceito fundamental no estudo da História. Ao analisar o livro de Stuart Hall, A Identidade Cultural na Pós Modernidade, sobretudo

¹Graduada em Geografia. Mestranda no Programa Interdisciplinar em Ciências Humanas pela Universidade Santo Amaro – UNISA, São Paulo.

no capítulo intitulado Globalização, a autora descreve a compreensão espaço-tempo na formação das identidades nacionais e da aceleração dos processos globais, em queo mundo se apresenta menor e as distâncias mais curtas, sendo este o principal aspecto do mundo contemporâneo globalizado, qual seja, a fluidez das informações.

A solidificação do tempo nas pinturas, literaturas se rompeu. No trabalho de Katia Canton observa-se esse reiterar da modernidade fluida, na qual ocorre a mudança que provoca a perda de raízes em um mundo em que o capitalismo neoliberal pós-moderno intensifica a sensação do eterno presente ao anular o passado. Tempo e memória estão em desequilíbrio e a aniquilação do espaço por intermédio do tempo é visível na abrangência tecnológica. Tempo e espaço, na totalidade se apresenta, é para autora raso, afeta a consciência da memória e aniquila a História, pois se preocupa com o aqui e o agora.

A memória é apresentada pela autora como agente de resistência histórica principalmente em sua vinculação com a arte. Seu texto contrapõe a falta de acesso às tecnologias por uma parcela considerável da sociedade, o que dificulta as trocas reais e instantâneas da pós-modernidade, ao mesmo tempo em que estas fragmentam tempo e memória dada a velocidade que fabrica a amnésia haja vista a quantidade de informações e imagens nem sempre correspondentes com o real.

As quebras cronológicas retratadas pela autora demonstram de forma significativa que a pós-modernidade, no processo de conhecimento das trajetórias humanas, produz histórias e cria sentidos que se perdem nas temporalidades e no labirinto das emendas da memória. A narrativa da memória é a principal amarração para o compartilhamento de tradições humanas, pois reforça, clareia e torna viva a memória de cada geração. Kátia Canton explica a narrativa da memória e sua importância por intermédio do filme *Memento*, de 2001, do diretor norte-americano Christopher Nolan, a partir do qual examina a importância das narrativas da memória e da experiência pessoal. Mas afinal, a memória está ligada diretamente aos acontecimentos do tempo ou do lugar? Este questionamento apresentado no trabalho da autora, e é explicado no livro *O Vendedor de Passados* do Angolano José Eduardo Agualusa e *Alversão da Solidão* do norte-americano Paul Auster, obras nas quais é possível perceber diferentes definições de memória apresentadas pela autora.

Do mesmo modo, são citadas ao longo dos capítulos diversas obras e entrevistas que descrevem o uso do tempo e da memória. Para tanto, a autora

recorre a fotografias e vídeos que são base da construção de tempos no acervo da memória dos seres humanos. Neste aspecto, a produção artística na contemporaneidade traduz a expansão da memória ao longo do tempo e do lugar de pertença. Os elementos simbólicos introduzem significados à história humana e desenvolve a memória por intermédio da representação simbólica ao longo do tempo que, de acordo com suas análises, se faz a partir das lembranças da história familiar e da infância.

Esquecimento, memória, passado e presente estão interconectados para pensarmos o futuro. Ao partir dessa reflexão o livro nos faz perceber a importância do resgate da memória em um tempo em que a fluidez da pós-modernidade exerce o poder da perda de raízes, em que as situações do passado ficam mais distantes do tempo presente, e impedem a construção do futuro.

REFERÊNCIAS

CANTON, Kátia. **Tempo e memória**. São Paulo: Martins Fontes, 2015, 62 p.